



**RAFAELA ROCHA LIZARDO**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO DO  
EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO**

**LAVRAS-MG**

**2022**

**RAFAELA ROCHA LIZARDO**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO DO EXAME NACIONAL DO  
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como requisito  
básico para a conclusão do Curso de Letras  
Português/Inglês e suas Literaturas, para obtenção do  
título de Licenciada.

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins  
Orientadora

**LAVRAS-MG**

**2022**

## AGRADECIMENTOS

Por mais clichê que pareça, ser professora sempre foi um sonho que até 2017 parecia estar adormecido, até que fui aprovada em Letras na UFLA e pude então, dar início à realização desse sonho, que desde o primeiro momento foi apoiado pelos meus pais e pelo meu irmão, portanto não poderia deixar de agradecê-los em primeiro lugar, por todo apoio desde a decisão de me mudar pra Lavras, até hoje, 5 anos depois, por todo suporte financeiro e emocional, e por todas as vezes que acreditaram em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava.

Foram muitos desafios durante o percurso, muitos percalços, mas todos parecem insignificantes quando volto o olhar à todos os momentos felizes que vivenciei durante os últimos anos. Encontrei pessoas maravilhosas durante esse tempo, amigas e amigos que espero levar pra vida, para além do ambiente acadêmico, à Duda que esteve comigo literalmente desde o primeiro dia de aula, muito obrigada! Pelas trocas, pelos momentos felizes e até mesmo pelos desafios e momentos não tão felizes que passamos juntas e que sempre me lembrarei com carinho. Sou grata também pelos meus caminhos terem cruzado com os de Ivan e Bianca, parceiros de PIBID, de Residência Pedagógica, e de todos os perrengues inimagináveis, a presença de vocês tornou tudo mais leve e agradável, obrigada pelos puxões de orelha, por nunca desistirem de mim, por se preocuparem, pela ajuda e por todos os momentos que gastariam mais do que uma folha se eu fosse descrever aqui, e também estendo esse agradecimento às minhas irmãs do "que que tá acontecendo", que era só pra ser um grupo de sala e se tornou uma irmandade e enorme rede de apoio, da qual me lembrarei sempre com muito apreço.

Para além da sala de aula, agradeço o carinho e atenção dos professores, em especial da Prof.<sup>a</sup> Raquel, orientadora dessa pesquisa, e também aos amigos que fiz fora da sala, de outros períodos, outros cursos, àqueles que não eram da UFLA mas faziam parte dos meus dias, me lembro de cada um, de cada momento, e agora vocês estão eternizados também aqui. Vocês também são parte disso, e parte de mim.

Finalizo aqui com o início de "Prelúdio", do grande Raul Seixas, "sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só; mas sonho que se sonha junto, é realidade".

## RESUMO

Este trabalho ancorado nos estudos Sociolinguísticos, busca investigar se o fenômeno da variação linguística e do preconceito linguístico se fazem presentes no Exame Nacional do Ensino Médio, nas questões de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias de 2017 a 2021, e se sim, de que forma são abordados. Para tanto, como aporte teórico foram utilizados os estudos inicialmente desenvolvidos por Labov (1972), e à luz do que postulam Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Coelho et al. (2010) e Scherre (2009), além de Duarte e Duarte (2021). Por se tratar de uma pesquisa descritiva analítica, foi adotada como metodologia o levantamento e análise das questões seguindo três critérios, sendo eles: questões contendo o termo "preconceito" que estejam relacionadas à língua, bem como às variedades linguísticas socioeconômicas ou regionais, questões onde o uso das palavras variação/variedade estejam relacionadas à língua e/ou questões que tratem diretamente do tema preconceito linguístico. Desta forma foram analisadas 400 questões dentre 10 provas, das quais 9 questões se encaixam nos critérios indicados. Os resultados indicam que, apesar da pouca quantidade de questões que tratam da variação linguística e do preconceito linguístico, é possível encontrar uma abordagem, ainda que pequena e indireta, dos temas apresentados na pesquisa.

**Palavras-chave:** Preconceito linguístico. Língua Portuguesa. ENEM. Análise.

## ABSTRACT

This study, anchored in Sociolinguistic studies, seeks to investigate whether the phenomena of linguistic variation and linguistic prejudice are present on the Portuguese questions in the National High School Exam (ENEM), from 2017 to 2021, and if so, how they are approached. To this end, it was used the studies initially developed by Labov (1972), and in light of what Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Coelho et al. (2010) and Scherre (2009) postulate, besides Duarte and Duarte (2021). As this is descriptive analytical research, the methodology adopted was the survey and analysis of the questions following three criteria: questions containing the term "prejudice" related to language, as well as to socioeconomic or regional linguistic varieties; questions where the use of the words variation/variety are related to language and/or questions that directly address the theme of linguistic prejudice. Thus, 400 questions out of 10 exams were analyzed, of which 9 questions fit the indicated criteria. The results indicate that, despite the small number of questions dealing with linguistic variation and linguistic prejudice, it is possible to find an approach, albeit small and indirect, of the themes presented in the research.

**Keywords:** Linguistic prejudice. Portuguese language. ENEM. Analysis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Os princípios da Sociolinguística Variacionista .....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 O preconceito linguístico dentro e fora da sala de aula.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 O preconceito e a variação linguística na BNCC.....</b>	<b>13</b>
<b>2.4 O preconceito linguístico no Exame Nacional do Ensino Médio.....</b>	<b>15</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua e seu caráter social e evolutivo, bem como a Linguística, há muitos anos, vem sendo objeto de estudo de pesquisadores por todo o mundo. No início do séc. XX, Ferdinand Saussure inaugurou a linguística moderna por meio do *Curso de Linguística Geral* (1916), dando início à corrente estruturalista. Porém, na década de 1960, a Sociolinguística surgiu como uma reação ao estruturalismo de Saussure, através de Antoine Meillet e, posteriormente, ganhou voz por meio de William Labov.

O presente trabalho pretende investigar, à luz do viés sociolinguístico proposto por Labov, se a variação e o preconceito linguístico foram abordados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nos últimos 5 anos, tendo como principais perguntas norteadoras: a prova aborda tais assuntos em suas questões? Se sim, de que forma? Para isso, além de Labov (1916, 1972), foram usados como referência o artigo de Duarte e Duarte (2021) que igualmente trata sobre o tratamento dado ao preconceito linguístico no exame, bem como os autores Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Coelho *et al.* (2010) e Scherre (2009).

Isso se justifica pelo fato de o preconceito linguístico ser ainda hoje pouco abordado em sala de aula e no ENEM, que, como uma prova que sumariza os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do Ensino Médio e principalmente por ser um indutor de currículo, deveria abordar problemas reais, como a variação e o preconceito linguístico. Essa necessidade se mostra pertinente principalmente em um país tão multifacetado como o Brasil, o qual, em toda sua extensão, conta com inúmeras formas de se falar sobre uma mesma coisa.

Bagno (2015, p. 28) afirma que, muitas vezes, “em vez de buscar as causas da dificuldade de ensino na metodologia empregada, nas diferenças de aptidão individual para o aprendizado de línguas ou na competência do próprio professor”, é transferida a culpa ao aluno ou até mesmo à “incompetência linguística ‘inata’ do brasileiro”. Como consequência, esse trauma quanto ao aprendizado da língua pode impedir que o aluno expanda os horizontes para aprender, prendendo-se às regras gramaticais que, frequentemente, cerceiam regionalidades, diferenças lexicais e de sotaques e os colocam como incorretos, “feios” ou até mesmo ignorantes.

Portanto, faz-se necessário, e aqui reitero, a importância de se trazer a sociolinguística para a sala de aula, não só a fim de preparar os alunos para o ENEM, mas para que compreendam a diversidade presente na língua. Antunes (2003) postula que “o ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez

mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (p. 15). Desse modo, é possível inferir que não se deve desvincular o ensino da língua de seu propósito comunicativo, bem como da compreensão das nuances presentes na forma como os falantes se expressam, levando em conta as diferentes situações em que o indivíduo, nesse caso o aluno, está inserido ao longo de sua vida em sociedade.

Para tanto, pretende-se, também, com essa pesquisa, evidenciar a importância de se trabalhar a educação linguística que, segundo Bagno (2007, p. 15), consiste em “exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito”. Esse olhar crítico deve ultrapassar as paredes da sala de aula, principalmente no que diz respeito à preparação dos alunos de Ensino Médio para os exames a nível nacional, como é o caso do ENEM, objeto de estudo aqui utilizado.

Sendo assim, o presente trabalho é dividido em cinco (5) partes. A próxima seção irá tratar dos princípios da Sociolinguística Variacionista segundo os preceitos de Labov, haja vista que sua abordagem é capaz de responder as questões que norteiam essa pesquisa. Em seguida, será abordado o preconceito linguístico, foco desse estudo, com base no que postula Bagno (2007). Na sequência, será apresentada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), importante documento oficial usado como base nacionalmente, mostrando como o preconceito linguístico é abordado por ela. No tópico seguinte, será abordado o ENEM, prova sobre a qual a análise desse estudo recai, bem como sua Matriz de Referência e a forma como o preconceito linguístico é abordado nesse contexto. Em sequência, serão analisadas as questões de Língua Portuguesa do ENEM dos anos de 2017 a 2021, dando enfoque ao preconceito linguístico e a variação linguística, objetos de estudo centrais da pesquisa. E, por fim, serão apontadas as considerações finais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Os princípios da Sociolinguística Variacionista**

A presente pesquisa tem como base os estudos iniciados em meados de 1960 por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) para uma conferência sobre Sociolinguística, na qual os linguistas reunidos buscavam

construir metodologias, de caráter variacionista, que dessem conta da heterogeneidade linguística nos grandes centros urbanos, motivados

principalmente pelo fraco desempenho escolar de crianças de grupos étnicos e sociais minoritários. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 12).

Coordenados por William Labov, os sociolinguistas iniciantes desenvolveram importantes análises que explicitavam as variedades do inglês, língua materna dos alunos, e as do conhecido inglês padrão, ensinado e falado na escola. A motivação era, justamente, buscar compreender a heterogeneidade linguística dos grandes centros urbanos, bem como o baixo desempenho escolar das crianças advindas de grupos étnicos e sociais minoritários.

Os linguistas partiam do pressuposto de que esses problemas no desempenho tinham origens “nas diferenças entre o sistema linguístico do vernáculo afro-americano e do inglês padrão e no desencontro entre a orientação cultural das crianças afro-americanas e as expectativas da escola” (BORTONI-RICARDO, 1997, p. 61).

Labov, em sua obra *Padrões Sociolinguísticos* (1972), fez distinção entre os chamados conflitos estruturais, que vinham das diferenças entre as estruturas linguísticas, e os conflitos funcionais, que se davam como um fenômeno transcultural. O autor acreditava que as dificuldades de compreensão das crianças da periferia se davam pela falta de comunicação entre elas e os professores, e recomendava que os professores procurassem fazer uma distinção entre as diferenças dialetais das crianças e os erros de gramática, leitura e pronúncia.

A corrente teórica laboviana tem como premissas o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, os quais são inerentes às línguas e vão contra o que postulam Ferdinand Saussure e Noam Chomsky, estudiosos que acreditam na homogeneidade da língua.

Quanto ao relativismo cultural, é a postura adotada nas ciências sociais em que uma manifestação cultural prestigiada na sociedade não necessariamente é superior a outras (BORTONI-RICARDO, 2008). Assim, segundo Franz Boas (s/d) apud Bortnoi-Ricardo (2008, p. 12), é possível afirmar que “nenhum padrão de uma cultura ou língua deveria ser considerado inferior, ainda que seja apropriado postular distinções funcionais entre ele e seu congêneres”. Já a heterogeneidade linguística diz respeito às variações e diversidades linguísticas presentes nas comunidades de fala, organizadas e sistematizadas de tal forma que os falantes são capazes de se comunicar e se entender, sem que exista ali um chamado “caos linguístico” (COELHO *et al.*, 2010).

Desta forma, Bagno (2015) afirma que é possível encontrarmos nas sociedades complexas e letradas uma realidade linguística composta de dois grandes pólos, são eles: (1) a variação linguística, que diz respeito à língua em seu estado de constante transformação, fluidez e instabilidade; e (2) a norma-padrão, um produto cultural, modelo artificial da língua que fora

criado na intenção de “neutralizar” os efeitos da variação, atuando como um termômetro quanto aos comportamentos linguísticos teoricamente corretos e convenientes.

Tendo em vista essas ponderações, a próxima seção aprofundará a questão do preconceito linguístico, fenômeno proveniente e diretamente ligado à variação linguística, apontando alguns mitos e motivos pelos quais a abordagem do assunto se faz tão importante nas discussões sobre língua e linguagem, dentro e fora da sala de aula.

## **2.2 O preconceito linguístico dentro e fora da sala de aula**

Para dar início à discussão, é preciso aprofundar as investigações acerca do preconceito linguístico, muitas vezes sutil, mas deveras problemático. De onde parte? Quem são os afetados? Como combater?

Marcos Bagno, na introdução de *Preconceito Linguístico* (2015), faz uma analogia usando a palavra “igapó” para distinguir língua e gramática normativa. Na Amazônia, igapó é um trecho da mata inundada onde há poças estagnadas à margem do rio, principalmente após momentos de cheia. Nesse caso, o autor compara a língua como o rio, em constante movimento, se renovando a todo instante, enquanto que a gramática normativa é apenas um igapó, uma poça parada, um brejo à margem da língua, que apenas se renova após outra cheia.

Partindo disso, pode-se dizer que o preconceito linguístico não está presente apenas no ambiente acadêmico e nas salas de aula, nos quais fala-se mais sobre o “saber escrever certo” ou “errado”; ele acontece também no ambiente midiático, em jornais e revistas e em outras situações em que é possível observar a língua em uso em suas diferentes formas, por diferentes indivíduos, os quais, muitas vezes, desfazem de pessoas que, por algum fator interno ou externo, falam diferente do que consideram “certo”, julgando-as. A respeito disso, Bagno afirma que

É uma lástima sermos obrigados a reconhecer que a mídia brasileira tem prestado um desastroso desserviço no que diz respeito ao esclarecimento da opinião pública acerca dos problemas da educação linguística em nosso país (BAGNO, 2015, p. 20).

O autor ainda cita um dos grandes mitos acerca da língua portuguesa, o mito da “‘unidade’ do português do Brasil” (BAGNO, 2007, p. 18), mito esse que será discutido nas seções 2.2 e 2.3, tendo em vista que a sua intenção é analisar de que forma as variações linguísticas, bem como o preconceito linguístico, são abordadas e tratadas em sala de aula e fora dela, e no Exame Nacional do Ensino Médio, uma prova em que se espera que os alunos

possuam, em sua maior parte, conhecimento da gramática normativa como forma de afirmar que compreendem bem a língua.

É sabido que a grande extensão territorial do país colabora para que existam diferenças regionais na língua, mas além das diferenças entre regiões, há também as diferenças socioeconômicas, as quais possibilitam um abismo linguístico entre os falantes da variedade não-padrão e os que falam a (suposta) norma culta, ensinada na escola de acordo com a gramática normativa (BAGNO, 2007).

Partindo da perspectiva de Bagno (2015), língua e sociedade estão sempre juntas, tornando impossível o estudo da língua desvinculada a sociedade na qual é falada. Dessa maneira, seria inadequado considerar a variação linguística um problema, uma vez que a língua está em constante mudança entre seus falantes, e não há um modelo ideal ou fixo da língua falada. Sendo assim, faz-se necessário reiterar a importância de se tratar o preconceito linguístico não só nos exames como o ENEM, mas também dentro e fora de sala de aula, a fim de conscientizarmos alunos e sociedade quanto às diferenças presentes na língua falada e escrita.

Sabemos que, apesar de possuírem o mesmo idioma oficial, Portugal e Brasil possuem diferenças de sotaques e variações regionais, ocorrendo, em algumas vezes, dificuldades de compreensão. Como afirma Bagno (2015, p. 24), essas diferenças são observáveis “no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia”, como, por exemplo, alguns fonemas que não fazem parte do sistema fonético do português brasileiro.

Segundo o jornal Folha de S. Paulo, em matéria publicada por Miranda (2020), tais diferenças ultrapassaram alguns limites e se tornaram motivo de notas baixas e reprovação de alunos brasileiros em instituições de ensino portuguesas devido ao português brasileiro utilizado por alguns alunos. Assim como o preconceito linguístico infundado em sala de aula, youtubers brasileiros que ganham destaque nas terras lusitanas também são mal vistos pelos portugueses, que acreditam se tratar de um português mal falado e que “desrespeita” a forma “correta” de se falar.

Ainda de acordo com a matéria, pode-se dizer que o “desacreditar” de uma variação linguística usada por algum aluno pode causar uma perda da identidade do falante, que, ao buscar corresponder às expectativas daqueles que acreditam que seu português esteja incorreto, procura retirar marcas discursivas e excluir palavras do vocabulário cotidiano em uma tentativa

falida de se adequar a um sistema preconceituoso e excludente, como no caso dos alunos falantes do português brasileiro nas instituições de ensino portuguesas (MIRANDA, 2020).

Bagno (2007, p. 25) afirma que “o único nível em que ainda é possível uma compreensão quase total entre brasileiros e portugueses é o da língua escrita formal, porque a ortografia é praticamente a mesma, com poucas diferenças”. No entanto, apesar da diferença clara entre o português falado de Portugal e do Brasil, ainda hoje o ensino de português no Brasil possui o viés imperialista, baseado nas normas linguísticas de Portugal, as quais provocam um apagamento de traços linguísticos importantes para se compreender a diversidade latente presente no nosso país. Nesse sentido, Scherre (2009, s/p) afirma que “depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo”, o que muitas vezes ocorre dentro da sala de aula, lugar onde é preciso que haja uma “transformação do perfil socioeconômico e cultural” daqueles que a frequentam, seja ensinando, seja aprendendo.

Historicamente, a princípio, até meados dos anos 1960, as escolas estavam majoritariamente localizadas nos grandes centros urbanos, e seu corpo discente era composto principalmente por alunos de classe média e média alta das cidades, restringindo o espaço a um grupo seleto de pessoas. Após esse período, houve o que chamam de “democratização” do ensino no Brasil, mas a palavra democratização nesse contexto diz respeito ao aumento do número de escolas, devido ao ritmo acelerado de urbanização da população, e não à popularização do ensino. Dessa forma, o que se viu foi um aumento desenfreado da população nos centros urbanos, o que deu origem às periferias desfavorecidas economicamente, bem como ao aumento do desemprego, ao crescimento da violência e à conseqüente uma mudança de perfil dos alunos nas escolas públicas. Uma ampla variedade de camadas sociais começa a fazer parte desse meio, diferentes das que as escolas estavam acostumadas a receber, uma população que, ao contrário da que já estava presente nas cidades, não possuía o mesmo acesso à educação, criando um visível desnivelamento em questões de ensino (BAGNO 2007).

Desta forma, continuou-se a ensinar um português baseado naquele falado pelas pessoas de maior prestígio na sociedade, ignorando-se o fato de que naquele momento a sociedade estava passando por uma significativa mudança, não apenas fora da escola, mas também dentro da dela. Coelho *et al.* (2010, p. 153) lembram que a abordagem sociolinguística postula

que o estudo da estrutura e da evolução da linguagem deve ser feito dentro do contexto social da comunidade de fala, e que existe uma correlação sistemática entre variação linguística e estratificação social.

Isso deixa explícita a necessidade de um embasamento teórico consistente por parte do professor acerca do funcionamento social da linguagem para que, dessa forma, sua atuação seja coerente com um ensino que leve o aluno a criar uma consciência crítica acerca do meio em que vive e da pluralidade da linguagem.

A partir dessas discussões, a próxima seção irá tratar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principal documento curricular oficial atualmente, responsável por nortear tanto a prática pedagógica do professor quanto a elaboração dos currículos pelas instituições de ensino, o que inclui a forma como a variação e o preconceito devem ser implementados nos currículos escolares.

### **2.3 O preconceito e a variação linguística na BNCC**

Uma vez que o presente estudo busca tratar da forma como a variedade e o preconceito linguístico são abordados pelo ENEM, entende-se como pertinente explicitar de que forma são abordados, também, na Base Nacional Comum Curricular, bem como na Matriz de Referência do ENEM. Para tanto, faz-se necessário evidenciar que será discutido aqui a seção destinada ao Ensino Médio, mais especificamente a disciplina de Língua Portuguesa, na BNCC, a começar pelo que é esperado do aluno nessa etapa de sua jornada acadêmica, como o aprofundamento das análises sobre as linguagens, bem como seu funcionamento em sociedade.

A BNCC é um documento norteador, que define “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais” (BRASIL, 2018, p. 7), a ser desenvolvido pelos alunos no decorrer das etapas da Educação Básica. Suas proposições foram elaboradas para nortear a construção dos currículos dos sistemas de ensino e das propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas de todo o país, da Educação Infantil ao Ensino Médio, além de recaírem sobre o processo de formação de professores nas universidades. Na BNCC, são estabelecidos os conhecimentos, as competências e as habilidades que se espera que os alunos desenvolvam, orientados pelos princípios éticos, políticos e estéticos determinados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. A Base reúne os propósitos que direcionam a educação brasileira a um caminho de “formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 7)

Além disso, a BNCC reforça a necessidade de se intensificar o ponto de vista analítico e crítico durante a leitura, a escuta e a produção de textos verbais e multissemióticos. Além disso, orienta a ampliação das referências estéticas, éticas e políticas que estão vinculadas à produção e à recepção de discursos.

No entanto, é possível observar, no ambiente escolar, que a abordagem atribuída à língua é, na maioria dos casos, permeada pela Gramática Normativa, privilegiando em grande parte o ensino e o estudo da norma padrão, ignorando as competências sociocomunicativas dos alunos, o que abarca as variedades linguísticas provenientes das diferentes realidades sociais. Quanto a esse fato, Scherre (2009) afirma:

O problema maior é que as variedades mais sujeitas a esse tipo de preconceito são, normalmente, as com características associadas a grupos de menos prestígio na escala social ou a comunidades da área rural ou do interior. Historicamente, isso ocorre pelo sentimento e pelo comportamento de superioridade dos grupos vistos como mais privilegiados, econômica e socialmente. (SCHERRE, 2009, s/p).

Sendo assim, compreende-se que a escola, espaço que, teoricamente, deveria possibilitar a construção e a socialização de saberes entre alunos e professores, bem como prezar pelo desenvolvimento comunicativo dos alunos, prioriza o ensino engessado de uma norma tida como “cultura” e padrão, e acaba muitas vezes por não cumprir seu papel fundamental.

Pensando nisso, a BNCC também cita, a respeito da variação linguística, que "Ainda que continue em jogo a aprendizagem da norma-padrão, em função de situações e gêneros que a requeiram, outras variedades devem ter espaço e devem ser legitimadas" (BRASIL, 2018, p. 504). Ainda na BNCC, a habilidade de código EM13LP09 estabelece que os alunos devem adquirir a capacidade de

Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola (BRASIL, 2018, p. 507).

A BNCC figura, nesse contexto, como um norteador para as práticas de ensino, porém não deve ser lido como um documento que atua na neutralidade, uma vez que é fundamentado a partir de concepções sociais, políticas, linguísticas e ideológicas. Nesse sentido, é possível perceber uma preocupação do documento quanto à necessidade de se trabalhar a pluralidade sociocultural em sala de aula. Apesar de essa seção estar voltada às práticas pedagógicas e habilidades estabelecidas pela BNCC ao Ensino Médio, faz-se necessário citar a habilidade de código EF69LP55, que apesar de ser direcionada ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), deve também ser considerada no Ensino Médio, já que diz respeito à uma prática importante independente do ano em que os alunos estão cursando, que é “Reconhecer as variedades da

língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.” (BRASIL, 2018, p. 161)

Além disso, o documento também cita na seção destinada ao Ensino Fundamental, no quadro referente aos conhecimentos linguísticos, mais especificamente na categoria Variação Linguística, que espera-se que o aluno desenvolva a habilidade de “Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BRASIL, 2018, p. 83).

Portanto, é possível afirmar que, ainda que sejam poucas as menções ao trabalho e desenvolvimento de habilidades referentes ao reconhecimento do preconceito linguístico como pauta importante a ser tratada em sala de aula, a Base Nacional Comum Curricular aborda, mesmo que apenas na seção destinada ao Ensino Fundamental, o preconceito e a variação linguística.

#### **2.4 O preconceito linguístico no Exame Nacional do Ensino Médio**

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), criado em 1998, durante a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e de Paulo Renato Souza como Ministro da Educação, possui como objetivo principal avaliar o desempenho de alunos concluintes do Ensino Médio em todo o país. Desde sua criação até os dias atuais, o ENEM passou por diversas mudanças em sua estrutura, na sua importância para alunos e escolas e no seu conteúdo programático.

A primeira grande mudança foi implantada em 2001, quando foi concedida a isenção da taxa de inscrição, à época no valor de R\$ 35,00, para alunos da rede pública de ensino. A decisão foi significativa, e o número de inscrições passou de 390 mil, em 2000, para 1,6 milhão de inscritos, em 2001. Algo curioso, e certamente triste, é o fato de que o ENEM aplicado no ano de 2021, última edição até o presente momento, segundo matéria publicada por Pinheiro (2021), recebeu 3.109.762 inscritos, o menor número de inscrições desde 2005, ano em que o Exame recebeu 3.004.491, devido a uma série de fatores negativos ocorridos no decorrer dos últimos anos, como a pandemia de Covid-19 e o atual descaso com a educação do país.

Se partirmos do pressuposto de que o ENEM é uma prova aplicada em todo o território nacional, abarcando pessoas de diferentes idades, bem como diferentes classes sociais e realidades, é possível afirmar que, ainda atualmente, o exame, por mais que tenha a intenção de auxiliar a inserção de estudantes no Ensino Superior de forma democrática, se faz muito excludente, principalmente no que tange ao conteúdo nela cobrado, que, por muitas vezes, não

condiz com o conteúdo programático de muitas instituições de ensino públicas no país. Porém, considero importante ressaltar que nem sempre o professor é o único responsável por esse déficit no ensino, que há muito tempo é considerado defasado e não condizente com a realidade de muitos alunos da rede pública de ensino do Brasil.

A cada ano que passa, é possível notar um sucateamento ainda maior da educação no país, bem como a desvalorização do papel do professor em sala de aula, que, somado aos poucos recursos que lhes são disponibilizados, tentam “tirar leite de pedra”, fazendo o melhor que está ao seu alcance para ofertar um ensino de qualidade dentro do que é possível e disponibilizado. Quanto à esse sucateamento do ensino, Bagno (2007) afirma:

O acesso à escola de tantas crianças de classes sociais desprestigiadas fez com que a profissão docente perdesse prestígio no âmbito das classes médias e médias-altas. O aumento da população escolar provocou a deterioração das condições de trabalho, com classes superlotadas, prédios mal construídos e mal conservados, [...] tudo isso acompanhado do achatamento progressivo e ininterrupto dos salários, o que tornou a profissão docente pouco atrativa para as camadas privilegiadas da população urbana. (BAGNO, 2007, p. 31).

Em 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio passou a ter 180 questões, divididas em dois dias de prova. No primeiro dia, são aplicadas 45 questões de Linguagens, 45 de Ciências Humanas e uma redação. No segundo dia, por sua vez, são aplicadas 45 questões de Matemática e 45 de Ciências da Natureza. O conteúdo da prova é, teoricamente, o conteúdo aprendido em sala de aula ao longo do Ensino Médio. Além disso, o INEP, órgão responsável pela organização do ENEM, determina, através de um edital, o que será cobrado na prova, bem como a matriz do exame. A Matriz de Referência corresponde ao documento que estabelece as competências e habilidades a serem exigidas em provas de larga escala, como o ENEM.

A Matriz de Referência do ENEM aborda cinco Eixos Cognitivos, que correspondem à capacidade dos alunos de mobilizar seu conhecimento adquirido a fim de resolverem problemas e lidarem com situações cotidianas de maneira ética e responsável em sociedade. Os Eixos Cognitivos são comuns a todas as áreas de conhecimento que serão exigidos ao longo da prova, e são eles:

I - Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa;

II - Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas;

III - Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema;

IV - Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente;

V - Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural. (BRASIL, 2009, s/p).

Existem 4 Matrizes de Referência, relacionadas a cada grande área, são elas: Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Matriz de Referência de Matemática e suas Tecnologias, Matriz de Referência de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Para a presente pesquisa, nos apoiaremos na primeira grande área, a Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, composta por 9 Competências e 30 habilidades, dando enfoque às poucas competências e habilidades que dizem respeito à variação linguística e suas implicações, como o preconceito linguístico.

Fazendo uma análise do que é posto na Matriz de Referência, é possível encontrar apenas na Competência de área 8, 3 habilidades relacionadas às variedades linguísticas:

H25 - Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro;

H26 - Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social;

H27 - Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação. (BRASIL, 2009, s/p).

É possível inferir, a partir das habilidades linguísticas preteridas no ENEM que se espera que o aluno possua, o que Koch (2002, p. 53) denomina como competência sociocomunicativa, a qual permite a “detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais” pelo falante/ouvinte. A autora também afirma que

Essa competência leva ainda à diferenciação de determinados gêneros de textos, como saber se está perante uma anedota, um poema, um enigma, uma explicação, uma conversa telefônica etc. Há o conhecimento, pelo menos intuitivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto" (KOCH, 2002, p. 53).

Apesar da abordagem da variação linguística nas habilidades supracitadas, não há nenhuma menção explícita em todo o documento quanto ao reconhecimento do preconceito

linguístico como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa, o que, infelizmente, reforça o esperado. Bagno (2007) afirma de que o preconceito linguístico ainda não é abordado e tratado como deveria em sala de aula, refletindo diretamente nos conteúdos das provas aplicadas em escala nacional, como o ENEM.

A partir das discussões realizadas, a seguir, será explicitada a forma como se dará a seleção e a análise das questões do ENEM, tendo como base os autores citados nas seções anteriores.

### **3 METODOLOGIA**

Tomando como referência o que os autores supracitados postulam acerca da variação linguística e o preconceito linguístico, esta pesquisa, de caráter qualitativo, pretende fazer o levantamento e a análise das questões que, de alguma forma, abordam o preconceito linguístico ou a variação linguística na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM, entre os anos de 2017 a 2021. Mais especificamente, serão selecionadas as questões presentes no caderno azul das provas.

Foram escolhidos os últimos 5 anos de aplicação do Exame, para que possa ser realizada uma análise que, além de perpassar por diferentes períodos da educação brasileira, também abranja diferentes governos e abarque uma diversidade maior de temas. Desde o ano de 2010, o ENEM possui duas aplicações todos os anos: a aplicação regular e a reaplicação, também aplicada aos adultos privados de liberdade, a chamada PPL. Neste trabalho, optou-se pela análise de ambas as aplicações desde o ano de 2017 até o ano de 2021, desconsiderando a versão digital da prova, adotada desde o ano de 2020 devido à pandemia de COVID-19, totalizando 10 provas e 400 questões de Língua Portuguesa.

As questões serão analisadas à luz dos preceitos da Sociolinguística postulados por Labov (1972), e também sob a perspectiva de autores de grande importância na área da Variação e Preconceito Linguísticos, como Irlandé Antunes (2003) e Marcos Bagno (2007; 2015), além do artigo acerca do tratamento do preconceito linguístico no ENEM de Duarte e Duarte (2021).

Por se tratar de uma pesquisa na qual serão analisados dados já existentes disponíveis nas provas anteriormente aplicadas, é cabível classificá-la como uma pesquisa descritiva analítica, que, para Gil (2002),

têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre

variáveis. [...] e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2002, p. 42).

Desta forma, baseados nos critérios postos por Duarte e Duarte (2021), serão usados como critérios para a presente análise:

1. questões que contenham o termo "preconceito" e que estejam relacionadas à língua, às variedades linguísticas e/ou às causas e efeitos desse tipo de preconceito;
2. questões em que o uso das palavras variante/variação/variedade esteja relacionado à língua;
3. questões que tratem diretamente do tema preconceito linguístico, bem como de suas possíveis consequências, como a discriminação de variedades ou de abordagens que tratem da diversidade linguística.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Para o levantamento das 400 questões em Língua Portuguesa da prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias para análise, a princípio, foi verificada a presença ou a ausência do termo “preconceito linguístico” nas 10 provas. Nesse primeiro momento, foi possível constatar que em nenhuma das questões analisadas constava o termo “preconceito linguístico” em seu enunciado. Contudo, há uma questão (Questão 6, ENEM 2019, Aplicação Regular) em que o termo “preconceito” aparece, ainda que não esteja relacionado diretamente ao preconceito linguístico.

Após isso, a busca foi concentrada em localizar as questões nas quais era possível encontrar os termos “variação”, “variedade” ou “variante”, relacionados à língua. Nesse caso, foram encontradas 4 questões que contêm o termo “variedade linguística” em seu enunciado, 2 questões que contêm o termo “variação linguística” e 1 questão contendo o termo “variante linguística”, totalizando 7 questões abordando o tema, foco do segundo critério. Por fim, dando enfoque ao terceiro critério, foi possível encontrar apenas 1 questão que tratava sobre a diversidade linguística.

Tabela 1: Distribuição das questões por critério e ano de aplicação.

Ano/Aplicação	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Total de questões
2017 – AR	0	2	0	2
2017 – PPL	0	0	0	0
2018 – AR	0	1	0	1
2018 – PPL	0	1	1	2
2019 – AR	1	0	0	1
2019 – PPL	0	1	0	1
2020 – AR	0	1	0	1
2020 – PPL	0	1	0	1
2021 – AR	0	0	0	0
2021 – PPL	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	1	7	1	9

Fonte: Dos autores.

A análise partirá da questão 6, já mencionada, que, apesar de não estar contemplada nos critérios de análise aqui propostos, chama atenção por trazer o termo “preconceito” associado à frase de impacto “Palavras têm poder”, trazida em uma campanha publicitária do Ministério Público de Pernambuco a fim de conscientizar a população acerca de seus deveres como cidadãos, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Questão 6 do ENEM 2019 (Aplicação Regular).

**Questão 06**

# **PALAVRAS TÊM PODER**

**Palavras informam, libertam, destroem preconceitos.  
Palavras desinformam, aprisionam e criam preconceitos.**

**Liberdade de expressão. A escolha é sua.  
A responsabilidade, também.**

A liberdade de expressão é uma conquista inquestionável. O que todos precisam saber é que liberdade traz responsabilidades. Publicar informações e mensagens sensacionalistas, explorar imagens mórbidas, desrespeitar os Direitos Humanos e estimular o preconceito e a violência são atos de desrespeito à lei.

Para promover a liberdade de expressão com responsabilidade, o Ministério Público de Pernambuco se une a vários parceiros nesta ação educativa. Colabore. Caso veja alguma mensagem que desrespeite os seus direitos, denuncie.

**0800 281 9455 - Ministério Público de Pernambuco**

Disponível em: <http://palavrastempoder.org>. Acesso em: 20 abr. 2015.

Pela análise do conteúdo, constata-se que essa campanha publicitária tem como função social

- A** propagar a imagem positiva do Ministério Público.
- B** conscientizar a população que direitos implicam deveres.
- C** coibir violações de direitos humanos nos meios de comunicação.
- D** divulgar políticas sociais que combatem a intolerância e o preconceito.
- E** instruir as pessoas sobre a forma correta de expressão nas redes sociais.

Fonte: ENEM/INEP.

Na campanha publicitária em questão, a liberdade de expressão é citada como “conquista inquestionável” de todo cidadão perante a constituição. Porém, trazendo a discussão para o foco dessa pesquisa, faz-se necessário questionar: em que ponto se perde a liberdade de expressão e se dá espaço ao preconceito linguístico, ainda que de forma velada? Em muitas situações, é possível observar que indivíduos que se consideram em posições privilegiadas na sociedade ultrapassam os limites da liberdade de expressão que lhes é sua por direito de forma irresponsável, causando o que o Ministério Público de Pernambuco em sua campanha afirma: “Palavras desinformam, aprisionam e criam preconceitos.”

Portanto, ainda que a questão apresentada não trate do preconceito linguístico propriamente dito, é possível se apoiar nela para uma reflexão acerca do assunto de forma a conscientizar o leitor não só a respeito do preconceito explicitamente tratado na campanha

publicitária, mas também das implicações e consequências que essa palavra traz nos diferentes contextos sociais. Dando continuidade à análise e explorando o critério 2, que busca identificar questões em que há termos relacionados à variação/variedade linguística, voltemos ao ENEM de 2017, mais precisamente à questão 39. Nela, observa-se o termo “variedade linguística” no enunciado, para se referir à chamada norma culta ou padrão (FIGURA 2).

Figura 2: Questão 39 do ENEM 2017 (Aplicação Regular).

**QUESTÃO 39**

Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

*Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/  
Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúnvagos/  
Do romantismo azul dos lagos/ Mãos líriais, uns  
braços divinais./ Um corpo alvo sem par/ E os pés  
muito pequenos./ Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita  
Vênus.*

CASTRO, N. L. *As pejeas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo*. São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística

- A** detentora de grande prestígio social.
- B** específica da modalidade oral da língua.
- C** previsível para o contexto social da narrativa.
- D** constituída de construções sintáticas complexas.
- E** valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.

Fonte: ENEM/INEP.

A questão traz o trecho de um romance no qual o narrador afirma que a valsa entoada pela personagem era “cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena”, seguida da pergunta “relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística” da qual a resposta correta é a letra A, “detentora de grande prestígio social”. A partir da resposta correta para essa questão, é possível inferir que, de acordo com o autor, e não só ele, a norma culta, tão preterida em sala de aula e fora dela, se trata de “palavras difíceis e bonitas”, uma vez que se baseia majoritariamente na gramática normativa e no modo de falar de classes consideradas de grande prestígio na sociedade.

A ideia de que só se fala bem se está falando difícil causa muitas vezes nos alunos a impressão de que devem deixar do lado de fora da sala toda e qualquer marca de oralidade e de regionalismos que tornam cada indivíduo único com sua maneira de falar. Isso reforça o que

defende Bagno (2015, p. 36): “no fundo, a ideia de que ‘português é muito difícil’ serve como mais um dos instrumentos de manutenção do status quo das classes sociais privilegiadas.”

A próxima questão a ser analisada, apesar de não se encaixar em nenhum dos critérios propostos por não trazer termos relacionados à variação/variedade linguística ou preconceito linguístico em seu enunciado, aborda um tópico pertinente quando o assunto é a variação linguística, e possibilita também levantarmos a questão do preconceito linguístico atrelado à forma como a variação é tratada na questão.

Figura 3: Questão 6 do ENEM 2020 (Reaplicação/PPL).

**Questão 6** [enem2020enem2020enem2020](#)

De acordo com alguns estudos, uma inovação do português brasileiro é o *R* caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em *porrrta* ou *carrme*.

Associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o *R* tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Mazaropi em 32 filmes. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o *R* supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII.

Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil o *S* chiado, uma característica típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte.

A história da língua portuguesa no Brasil está revelando as características preservadas do português, como a troca do *L* pelo *R*, resultando em *pranta* em vez de *planta*. Camões registrou essa troca em *Os Lusíadas* — lá está um *frutas* no lugar de *flautas* —, e o cantor e compositor paulista Adoniran Barbosa a deixou registrada em frases como “frechada do teu olhar”, do samba *Tiro ao Álvaro*.

FIORAVANTI, C. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Com base na afirmação de que “associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica”, o texto propõe uma discussão sobre a(s)

- A** relevância da fala de prestígio na época da Corte portuguesa.
- B** inovação do português brasileiro sem equivalente em Portugal.
- C** razões históricas do preconceito sobre a fala regional no Brasil.
- D** importância do estudo, da preservação e do respeito à língua falada no Brasil.
- E** variedade de uso da língua, característica da literatura e da música brasileiras.

Fonte: ENEM/INEP.

A questão apresentada propõe uma discussão acerca das diferenças de pronúncia presentes no Brasil, mais especificamente a variação na pronúncia do *R* em diferentes estados, e também a troca do *L* pelo *R* que ocorre em algumas situações, e que fora retratada em *Os*

*Lusíadas*, de Camões, e na música *Tiro ao Álvaro*, de Adoniran Barbosa. Os exemplos trazidos pela questão evidenciam o R retroflexo, como em “porrrta” ou “carrne”, fazendo referência ao que chamam de “R caipira”. Uma das alternativas apresentadas na questão diz respeito às “razões históricas do preconceito sobre a fala regional no Brasil” e, apesar de esta não ser a alternativa correta para responder à questão proposta, nos leva a pensar na forma como, muitas vezes, uma variedade de pronúncia é apresentada de forma estigmatizada, sendo associada a um grupo específico que, por mais que apresente essa variação em sua comunidade de fala, não é detentor nem representante de uma forma de falar ou outra, e também não quer dizer que essa variação é mais ou menos errada do que as outras faladas na comunidade de fala em questão ou nas outras comunidades de fala existentes. Bagno (2007, p. 36) nos lembra de que “a nossa sociedade é, sob os mais diversos pontos de vista, uma das mais heterogêneas do mundo”. Pensando nisso, é, no mínimo, desrespeitoso que uma variação linguística, como o R retroflexo, encontrado em diversos estados do país, como a própria questão afirma, seja interpretado como uma forma “caipira” de se falar.

Desta forma, ainda que a questão traga em seu conteúdo uma forma estigmatizada de se referir à uma dada variação linguística, a alternativa correta, a letra D, “importância do estudo, da preservação e do respeito à língua falada no Brasil” nos leva a refletir sobre as práticas de ensino hoje adotadas que dizem respeito à forma como lidamos com a variação linguística, bem como o preconceito linguístico, em sala de aula.

Além das questões supracitadas, foram encontradas outras questões relacionadas à variedade linguística dentre as provas lidas, algumas fazem referência à presença de marcas da oralidade como estratégia a fim de criar uma conexão com o leitor, como a questão 7 da prova de LCT de 2018 (FIGURA 4).

Figura 4: Questão 7 do ENEM 2018 (Aplicação Regular)

**QUESTÃO 07**



Disponível em: [www.facebook.com/minsaude](http://www.facebook.com/minsaude). Acesso em: 14 fev. 2018 (adaptado).

A utilização de determinadas variedades linguísticas em campanhas educativas tem a função de atingir o público-alvo de forma mais direta e eficaz. No caso desse texto, identifica-se essa estratégia pelo(a)

- A discurso formal da língua portuguesa.
- B registro padrão próprio da língua escrita.
- C seleção lexical restrita à esfera da medicina.
- D fidelidade ao jargão da linguagem publicitária.
- E uso de marcas linguísticas típicas da oralidade.

Fonte: ENEM/INEP

Já outras questões abordam variados tópicos relacionados ao assunto, como por exemplo os diferentes sentidos que a variação linguística pode abranger e o que ela pode provocar no leitor, como por exemplo o humor ou estranhamento, como é possível observar nas questões 37 da prova de 2019 e na questão 7 da prova aplicada em 2020 (FIGURAS 5 e 6).

Figura 5: Questão 37 do ENEM 2019 (Reaplicação/PPL)

### Questão 37

Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,  
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: **Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- A o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- B a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- C o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- D as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- E o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

Fonte: ENEM/INEP

Figura 6: Questão 7 do ENEM 2020 (Reaplicação/PPL)

### Questão 7



#### ◀ 'Todas chora'

O erro de concordância impresso na sandália ao lado é proposital, viu? Uma estilista pegou carona no Twitter e, por extensão, nos bordões "todas comemora" e "todas chora", muito usados na rede. Em versão rasteirinha, custa R\$ 49.

© Globo, 12 fev. 2012 (adaptado).

Considerando-se os contextos de uso de "Todas chora", essa expressão é um exemplo de variante linguística

- A típica de pessoas despreocupadas em seguir as regras de escrita.
- B usada como recurso para atrair a atenção de interlocutores e consumidores.
- C transposta de situações de interação típicas de ambientes rurais do interior do Brasil.
- D incompatível com ambientes frequentados por usuários da norma-padrão da língua.
- E condenável em produtos voltados para uma clientela exigente e interessada em novidades.

Fonte: ENEM/INEP

Além dessas abordagens, é possível encontrar questões que relacionam a variação linguística à forma como a língua portuguesa foi construída historicamente. Para isso, é apresentado o regionalismo, como uma mesma coisa pode ser falada de formas diferentes a depender do espaço geográfico, o que pode ser observado nas questões 11 e 14, ambas apresentadas na prova de 2018 (FIGURAS 7 e 8).

Figura 7: Questão 11 do ENEM 2018 (Reaplicação/PPL).

#### **QUESTÃO 11**

##### **Uma língua, múltiplos falares**

Desde suas origens, o Brasil tem uma língua dividida em falares diversos. Mesmo antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro já era multilíngue. Havia cerca de 1,2 mil línguas faladas pelos povos indígenas. O português trazido pelo colonizador tampouco era uma língua homogênea, havia variações dependendo da região de Portugal de onde ele vinha. Há de se considerar também que a chegada de falantes de português acontece em diferentes etapas, em momentos históricos específicos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, temos primeiramente o encontro linguístico de portugueses com índios e, além dos negros da África, vieram italianos, japoneses, alemães, árabes, todos com suas línguas. "Todo este processo vai produzindo diversidades linguísticas que caracterizam falares diferentes", afirma um linguista da Unicamp. Daí que na mesma São Paulo pode-se encontrar modos de falar distintos como o de Adoniran Barbosa, que eternizou em suas composições o sotaque típico de um filho de imigrantes italianos, ou o chamado erre retroflexo, aquele erre dobrado que, junto com a letra i, resulta naquele jeito de falar "cairne" e "poirta" característico do interior de São Paulo.

MARIUZZO, P. Disponível em: [www.labjor.unicamp.br](http://www.labjor.unicamp.br). Acesso em: 30 jul. 2012 (adaptado).

A partir desse breve histórico da língua portuguesa no Brasil, um dos elementos de identidade nacional, entende-se que a diversidade linguística é resultado da

- A** imposição da língua do colonizador sobre as línguas indígenas.
- B** interação entre os falantes de línguas e culturas diferentes.
- C** sobreposição das línguas europeias sobre as africanas e indígenas.
- D** heterogeneidade da língua trazida pelo colonizador.
- E** preservação dos sotaques característicos dos imigrantes.

Fonte: ENEM/INEP.

Figura 8: Questão 14 do ENEM 2018 (Reaplicação/PPL).

#### QUESTÃO 14

O tradicional ornato para cabelos, a tiara ou diadema, já foi uma exclusividade feminina. Na origem, tanto "tiara" quanto "diadema" eram palavras de bom berço. "Tiara" nomeava o adorno que era o signo de poder entre os poderosos da Pérsia antiga e povos como os frísios, os bizantinos e os etíopes. A palavra foi incorporada do Oriente pela Grécia e chegou até nós por via latina, para quem queria referir-se à mitra usada pelos persas. Diadema era a faixa ou tira de linho fino colocado na cabeça pelos antigos latinos, herança do derivado grego para *diádo* (atar em volta, segundo o Houaiss). No Brasil, a forma de arco ou de laço das tiaras e alguns usos específicos (o nordestino "gigolete" faz alusão ao ornato usado por cafetinas, versões femininas do "gigolô") produziram novos sinônimos regionais do objeto.

Os sinônimos da tiara. *Lingua Portuguesa*, n. 23, 2007 (adaptado).

No texto, relata-se que o nome de um enfeite para cabelo assumiu diferentes denominações ao longo da história. Essa variação justifica-se pelo(a)

- A distanciamento de sentidos mais antigos.
- B registro de fatos históricos ocorridos em uma dada época.
- C associação a questões religiosas específicas de uma sociedade.
- D tempo de uso em uma comunidade linguística.
- E utilização do objeto por um grupo social.

Fonte: ENEM/INEP.

Portanto, a partir da análise feita das questões aqui apresentadas, é possível perceber pouca abordagem acerca da variação e do preconceito linguístico nas provas, que muitas vezes tratam desses tópicos de forma indireta. Com base, também, no referencial teórico supracitado, é possível inferir que, de certa forma, o conteúdo apresentado no ENEM é também um reflexo do ensino da educação básica, que nem sempre se preocupa em tratar de assuntos como a variação e o preconceito linguístico de forma aprofundada. Pode ser que em um futuro próximo, com uma maior abordagem desses temas em sala de aula, possamos encontrar mais questões no ENEM que tratem desta problemática e que sejam capazes de estimular discussões proveitosas acerca do assunto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação dos conceitos em que essa pesquisa se baseia, em um primeiro momento, foi exposto o lugar da variação e do preconceito linguístico no cenário educacional brasileiro, desde a Base Nacional Comum Curricular, perpassando pela sala de aula e fora dela, até o Exame Nacional do Ensino Médio e sua Matriz de Referência. No segundo momento, foi exposta a metodologia utilizada para a análise das questões, bem como os critérios utilizados

para sua seleção. Por fim, foi realizada a análise das questões encontradas, relacionando-as aos conceitos previamente discutidos.

A partir dos resultados obtidos ao longo desta pesquisa e da análise feita das questões propostas, foi possível concluir que, por mais que exista uma preocupação da BNCC em tratar em sala de aula da variação linguística e do preconceito linguístico, bem como conscientizar os alunos à respeito das diferenças que irão encontrar ao longo de sua vida acadêmica e cotidiana, há pouca abordagem do assunto na Matriz de Referência, documento que determina os eixos cognitivos a serem trabalhados no ENEM, bem como na própria prova, dentre as questões de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

O preconceito linguístico ainda é pouco discutido e trabalhado na esfera educacional, impossibilitando muitas vezes que os alunos parem para refletir acerca da prática também em seu cotidiano. Antunes (2003) afirma que seria bom se fossem promovidas discussões sobre o preconceito linguístico e sobre a exclusão social que a falta de letramento provoca, bem como as competências necessárias e realmente relevantes para que as pessoas atuem profissionalmente com eficiência.

Desta forma, respondendo à pergunta inicial norteadora desta pesquisa, de certa forma, o ENEM aborda, sim, em suas questões a variação e o preconceito linguístico, ainda que em pouca quantidade e de forma indireta em alguns casos. A variação linguística é abordada em maior quantidade em vista do preconceito linguístico, que possui pouco espaço na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias para ser tratado e discutido.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2009**. Brasília, Distrito Federal, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DUARTE, L. S.; DUARTE, J. S. Discute-se preconceito linguístico no ENEM? Uma análise das questões do Exame Nacional do Ensino Médio de 2015 a 2020. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2021.

MIRANDA, G. **Português brasileiro rende nota menor e discriminação em escolas e universidades de Portugal**. Folha de S. Paulo, 3 maio 2021. Mundo. Disponível em: <<https://folha.com/i16s9nyv>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PATRIOTA, L. M. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 289-307, set. 2018. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1066>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PINHEIRO, L. **Enem 2021 tem 3,1 milhões de inscritos confirmados**, menor número desde 2005. G1, 24 jul. 2021. Educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2021/noticia/2021/07/24/enem-2021-tem-31-milhoes-de-inscritos-confirmados.ghtml>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

ROQUE, T. **O negacionismo no poder**: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. Folha de S. Paulo, fev. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SCHERRE, M. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. Portal da Revista Galileu, s. d. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT110515-17774,00.html>>. Acesso em: 12 abr. 2022.